

Feira Central¹

Raquel de Souza JERONYMO²

Gabriel de Britto IBRAHIM³

Isadora Leiria Mesquita e SILVA⁴

Kiohara Schwaab Evangelista FERREIRA⁵

Marcelo da Silva PEREIRA⁶

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS

RESUMO

A Feira Central de Campo Grande (MS) foi regulamentada em 1925. Considerada uma fonte abastecedora da cidade, enaltecida como patrimônio cultural e incluída nos roteiros turísticos, em 2004 ela sofreu transformações que culminaram em uma mudança de local. As barracas de lona que antes eram montadas na rua passaram para uma grande estrutura fixa no centro da cidade, e isso alterou não só a localização, mas a organização e a relação dos frequentadores com a Feira. Este radiodocumentário foi elaborado com o objetivo de apresentar um pouco da história da Feira Central, sua importância para os moradores da capital sul-mato-grossense e os pontos positivos e negativos da modernização que a nova instalação desencadeou, na visão dos consumidores e dos próprios feirantes.

PALAVRAS-CHAVE: Campo Grande; Feira Central; modernização; radiodocumentário.

1. INTRODUÇÃO

As feiras surgiram como um local de troca de bens e podem ser consideradas um movimento autônomo de comércio livre, um espaço que se organiza para integrar a vida da cidade. Além de atraírem interesse de diversas áreas de estudo, elas imantam um sem-número de dimensões que possibilitam encontrar os costumes de um povo e de uma época (CALADO, 2013). De um ponto de vista histórico:

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria “Jornalismo”, modalidade “Documentário Jornalístico e Grande Reportagem em áudio e rádio”.

² Aluno líder do grupo e estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul), e-mail: raquels.jeronymo@gmail.com

³ Estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da UFMS, email: gabriel.ibh.2@gmail.com.

⁴ Estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da UFMS, email: dora-leiria@hotmail.com.

⁵ Estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da UFMS, email: kiohara_schwaab@hotmail.com.

⁶ Orientador do trabalho. Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMS. Realizou estágio-docência na disciplina Laboratório de Radiojornalismo II no Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da instituição no semestre 2014/2, sob supervisão da Prof. Dra. Daniela Cristiane Ota. Email: exclamacao@hotmail.com.

É Pirenne (1933/1936) que irá situar historicamente a origem das feiras livres: Os mercados locais existentes no início do século IX, na Europa, com o objetivo de suprir a comunidade local com provisões necessárias à sobrevivência. Isso explica o fato de acontecerem semanalmente, seu círculo de atração ser limitado e a restrição de sua atividade para pequenas operações de varejo (SATO, 2006, p. 15).

Regulamentada em 1925, a Feira Central de Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul, relaciona-se intimamente com a história da capital. Conhecida desde sua criação não só como local para compra e venda de produtos hortifrutigranjeiros e alimentos no geral, mas como ponto de encontro de pessoas de todas as idades, a Feira acompanhou os processos de modernização e urbanização da cidade, passando por várias transformações no decorrer de sua história.

Após mudar de endereço quatro vezes, em 2004 foi transferida pelo então prefeito André Puccinelli para a antiga Estação Ferroviária de Campo Grande. Na época a mudança causou polêmica e dividiu a opinião da população, pois nem todos ficaram satisfeitos com o novo espaço. Hoje, aproximadamente onze anos depois, o novo local ainda não é unanimidade entre os frequentadores e feirantes, que se dividem entre os mais saudosos, que relembram com nostalgia do tempo em que as barracas de lona eram montadas na rua, e os mais modernos, que ressaltam as comodidades oferecidas pela estrutura atual.

Dessa forma, o radiodocumentário conta um pouco da história da Feira Central por meio dos relatos orais coletados em diversas visitas ao local. O enfoque são os efeitos positivos e negativos que a última transferência de endereço (em 2004) desencadeou, de acordo com os pontos de vista dos próprios entrevistados. A intenção não é apresentar uma perspectiva dicotômica, classificando um ou outro ponto de vista como certo ou errado, mas demonstrar a importância que a feira teve e ainda tem para os moradores de Campo Grande.

2. OBJETIVOS

Apresentar, por meio de documentário radiofônico, o impacto da mais recente mudança de endereço pela qual passou a Feira Central de Campo Grande, e os aspectos positivos e negativos relatados por feirantes e frequentadores. Registrar uma parte da memória oral da capital sul-mato-grossense através de depoimentos de pessoas que tiveram contato com a Feira em alguma parte de sua história.

3. JUSTIFICATIVA

A temática do trabalho foi escolhida a partir da importância arquitetônica, urbanística, econômica e cultural que a Feira Central tem para Campo Grande e seus habitantes. Outro ponto que motivou a produção jornalística foi a carência de produtos informativos sobre o local observada na fase de pesquisa exploratória, e a necessidade que foi sentida de colaborar para registrar de maneira mais permanente a história da Feira, cujos detalhes só são conhecidos por quem vivenciou algum momento dela, e transmitidos geralmente de forma oral.

Optou-se pelo documentário radiofônico por ser um formato que possibilitou aliar a opinião de feirantes e clientes que vivenciaram a situação relatada a um panorama histórico, como o apresentado pela historiadora Lenita Maria Rodrigues Calado (2013) no livro *“Era uma feira aonde a gente ia de chinelo”*. Na obra, a autora explica como a Feira se inseriu na sociedade campo-grandense e cativou na população o hábito de frequentá-la e participar de seu processo histórico.

Finalmente, numa perspectiva técnica, busca-se respaldo em Barbosa Filho (2003). De acordo com o autor:

[O documentário radiofônico] tem como função aprofundar determinado assunto, construído com a participação de um repórter condutor [...] mescla pesquisa documental, medição dos fatos *in loco*, comentários de especialistas e de envolvidos no acontecimento, e desenvolve uma investigação sobre um fato ou conjunto de fatos reais, oportunos e de interesse atual. (BARBOSA FILHO, 2003, P.102)

4. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Para Ferrareto (2001, p.57), o documentário radiofônico tem como característica a abordagem de um determinado tema em profundidade, e essencialmente “baseia-se em uma pesquisa de dados e de arquivos sonoros, reconstituindo ou analisando um fato importante. Inclui, ainda, recursos de sonoplastia, envolvendo montagens e elaboração de um roteiro prévio”. Portanto, para a produção do documentário, o primeiro passo foi uma pesquisa documental exploratória sobre a história da Feira Central, com destaque para o livro *“Era uma feira aonde a gente ia de chinelo”*, da historiadora Lenita Maria Rodrigues Calado (2013).

Após uma reunião de pauta inicial, foi elaborado um cronograma que previa visitas programadas à Feira Central, em dias e horários diferentes. A metodologia utilizada para as

entrevistas foi a da história oral, com a coleta de depoimentos através de celulares ou câmeras. Inicialmente era apresentado aos entrevistados um roteiro prévio de perguntas, mas novos questionamentos eram acrescentados de acordo com as particularidades de cada relato.

A escolha de gravar o som ambiente da feira – conversas, ruídos de batidas de pratos, vendedores gritando – foi pensada para dar ao ouvinte a sensação de proximidade que o rádio muitas vezes potencializa. Com esse recurso sonoro, somado ao arranjo musical relacionado ao tema, o ouvinte pode se ambientar com o local, tal como sugerem Chantler e Harris (1998, p.119):

Tente usar ao máximo das gravações de voz e de som ambiente que puder. Afinal, som é tudo para o rádio. Exiba o som. Quanto mais som o ouvinte se sentirá como se estivesse no local do acontecimento. E não se esqueça da importância da música de fundo ou da abertura da matéria; ela é o produto básico da maioria das emissoras de rádio e um poderoso meio de aproximá-las aos ouvintes. (CHANTLER, HARRIS, 1998, p.119).

Após a transcrição de todo o material coletado, foi elaborado um roteiro que incluía *offs*, sonoras e trilhas. A construção textual do roteiro foi realizada por meio dos relatos de memória, dos dados obtidos na pesquisa e de vivências das entrevistas. A organização sequencial da narrativa teve como proposta intercalar *offs* que introduziam personagens e prediziam rapidamente o que seria posteriormente detalhado nas sonoras

A historiadora Lenita Calado foi entrevistada no estúdio do Laboratório de Radiojornalismo da UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul), local onde também foram gravadas as locuções, para garantir uma melhor qualidade de som. A edição foi realizada em várias etapas de forma a deixar o conteúdo coeso e dar destaque aos depoimentos colhidos, como orientam Chantler e Harris (1998, p.165):

O documentário de rádio deve ter uma forma própria e uma história para contar. O produtor deve saber se haverá uma conclusão final da história para ser atingida ou se o que se quer mostrar é apenas uma série de imagens sonoras individualizadas, que ganham importância quando colocadas juntas, num mesmo trecho gravado. Lembre-se de que as palavras das pessoas causam mais impacto do que as suas [...] Essa é a essência do documentário. (CHANTLER, HARRIS, 1998, p.165)

5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O documentário radiofônico elaborado possui duração de 20 minutos e 20 segundos, sem divisão de blocos, e foi desenvolvido como parte integrante das atividades da disciplina “Laboratório de Radiojornalismo II”, sob orientação do jornalista Marcelo Pereira da Silva e supervisão da professora Daniela Cristiane Ota. O padrão de tempo foi estabelecido de modo

a retratar o tema de modo sucinto, fazendo “uma breve exposição, sem sua completa apresentação” (BARBOSA FILHO, 2003, P.102).

O documentário radiofônico foi estruturado em três partes. A primeira é formada por uma introdução da trilha e uma escalada com os assuntos abordados ao longo do produto. Logo no início são utilizadas sonoras com ideias contraditórias em relação ao foco do documentário, as transformações da Feira Central de Campo Grande. Abordar opiniões diferentes sequenciadas em uma mesma gravação, como observa Chantler e Harris (1998, p.165), é uma vantagem, pois tal artifício desperta o interesse do ouvinte pelo impacto causado na demonstração de conflito.

A segunda parte é formada pelo relato histórico, com os depoimentos e locuções organizados através de cortes e trechos de trilha musical, recurso utilizado para demarcar passagens de tempo e mudanças de abordagem. Para o fechamento utilizou-se uma claquete com os nomes dos integrantes da produção. A finalização e edição do produto foi realizada através do *software* de edição de áudio *Sony Vegas*, em sua Versão de Avaliação 13.0.

A trilha sonora utilizada se baseia na música “A Feira”, composta por Nonato Buza e Mônica Silveira e interpretada por Dóris Monteiro, e na versão instrumental da mesma canção, com arranjo de Wilson das Neves. A escolha se deu pelo ambiente de feira livre retratado na letra da música, que neste documentário remete ao passado da Feira Central de Campo Grande, lembrado com saudosismo por alguns dos entrevistados e criticado por outros.

6. CONSIDERAÇÕES

Conforme apresentado no documentário, não há consenso entre os entrevistados sobre a mudança de endereço da Feira Central de Campo Grande, apesar de a maioria defender as vantagens que essa transformação desencadeou. Entretanto, alheia às turbulências que enfrentou nesses últimos anos, a Feira continua sendo a opção de muitos campo-grandenses para lazer e compras, e também para apreciar o tradicional sobá, prato típico da capital que tem ligações históricas com o local, dentre outras opções culinárias.

Ainda que a proposta atual da Feira seja olhar para o futuro, segundo entrevista concedida pela presidente da Afecetur (Associação da Feira Central e Turística de Campo Grande), Alvira Soares de Melo, para a produção do documentário é importante manter viva a memória de quando a mesma ainda se instalava nas ruas centrais de Campo Grande. Mesmo que a modernização pareça inevitável e necessária, é a simplicidade das barracas de lona que

será lembrada por muitos frequentadores que cresceram encantados pelas cores, sons e aromas que encontravam naquele local.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA FILHO, A. **Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas em áudio.** São Paulo: Paulinas, 2003.

CALADO, Lenita Maria Rodrigues. **Era uma feira aonde a gente ia de chinelo: Campo Grande e sua Feira Livre Central.** Dourados: Ed. UFGD, 2013.

CHANTLER, Paul e HARRIS, Sim. **Radiojornalismo.** São Paulo: Summus, 1998.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica.** Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2001.

SATO, Leny. **Feira Livre: Organização, Trabalho e Sociabilidade.** São Paulo: Ed. USP, 2006.